



Ao Seminário da Oposição Combativa

A real independência de classe se constroi por meio da Oposição Revolucionária ao governo de Frente Ampla de Lula/Alckmin, e ao Tarcísio de Freitas em SP

A Oposição Combativa cumpriu um importante papel, ao se organizar como uma frente de disputa às eleições da Apeoesp, numa conjuntura em que grande parte da antiga Oposição Unificada se aliou à direção burocrática encastelada no sindicato há 3 décadas, e formou uma frente governista para dirigir o sindicato. A vitória esmagadora da chapa 1 nas eleições não expressou, no entanto, um apoio da base ao governo. Onde foi possível organizar uma campanha oposicionista assentada na real independência de classe, houve resposta positiva dos professores, ainda que não elegendo a direção em suas regionais.

A frente eleitoral que combateu o governo no sindicato se assentou em um programa que colocava as bases políticas para a luta contra a chapa governista. Por seu objetivo, caráter e composição, não poderia se aprofundar em muitas questões políticas centrais – guerra na Ucrânia, caráter de classe do governo Lula, estratégia política, por exemplo. Mas permitiu atuar nas bases em defesa da real independência de classe, que como tal só pode ser de combate à burguesia e governos burgueses.

Passadas as eleições, imediatamente se verificou que as divergências políticas ganharam peso nas ações práticas. A defesa da estabilidade/efetivação sem concurso para a categoria O, que constava no programa da chapa, foi logo abandonada por parte da frente. O concurso para 15 mil vagas, chamado pelo governo para ranquear a categoria O e demitir parte dela, passou a ser aceito por setores da Combativa, com “propostas de modificações”, que não alteram sua essência.

A proposta de organizar uma frente para atuação sindical, que está implícita na convocação deste seminário, deve ser tomada a partir da experiência concreta de atuação conjunta. Uma frente sindical de luta deve se apoiar, necessariamente, na defesa das reivindicações mais sentidas da categoria (sem rebaixá-las), na defesa da mais ampla democracia sindical (organizar a luta a partir das assembleias gerais), nos métodos da luta de classe para alcançá-las, e na real independência de classe diante da burguesia e de seus governos.

A pauta do Seminário

Depois de algumas reuniões e propostas de pauta e organização, o Seminário foi convocado com dois pontos de pauta: “Concepção e Prática Sindical” e “Estrutura e Funcionamento” da Combativa.

O primeiro ponto chama a atenção por ser abstrato. A “concepção” classista de um sindicato ou frente sindical só pode ser a de uma organização voltada para organizar e

impulsionar a luta pelas reivindicações. Se for outra, será de conciliação de classes. Seja como meio de intermediar a relação “patrão/empregado”, seja como instrumento de pressão parlamentar, seja como base de uma frente de atuação nas eleições da democracia burguesa, estará deformado por sua direção.

A “prática sindical” classista deverá se apoiar na defesa das reivindicações, na organização da luta a partir da democracia sindical, e na real independência de classe. Essa prática pressupõe que a frente sindical expresse as necessidades da classe, por isso, tem de estar vinculada fortemente a ela por meio de um sistemático, organizado e permanente trabalho de base, no caso, no chão-da-escola. A frente sindical classista procura sempre se apoiar nas bases, nas suas tendências de luta, e dar-lhes expressão política.

Não pode colocar como objetivo apenas substituir a direção burocrática por outra. Tem de revolucionar seus métodos de atuação. Isso se traduz em trabalhar para que a democracia sindical seja efetivada em todas as suas formas e em todos os momentos, a organização da defesa das reivindicações seja feita por meio dos métodos da luta de classes, e sua prática esteja assentada na real independência de classe.

A Prática Sindical classista hoje deve se traduzir na defesa do emprego, salário e condições de trabalho, de saúde, e de aposentadoria dos professores. E na defesa dessas condições ao conjunto dos assalariados. Temos, hoje, um governo burguês de Frente Ampla de Lula/Alckmin, cuja política econômica está centrada no sustento do parasitismo financeiro, à custa de maior opressão social sobre as massas. Não se trata de um “aspecto” da política do governo. Não se trata de “aperfeiçoar” essa política. É preciso combatê-la no seu conjunto. O Arcabouço Fiscal e a Reforma Tributária são parte desse mesmo todo. E a única forma de combater essas medidas é por meio da luta de classes. Não virá, nem das eleições, nem do parlamento, qualquer mudança em favor das massas. É preciso que os assalariados e demais oprimidos tomem essa tarefa em suas próprias mãos. Uma Frente Sindical classista pode ajudar a que isso aconteça.

No entanto, uma Prática Sindical que coloque como objetivo as disputas eleitorais ou sindicais estará reduzindo as possibilidades de avanço da luta de classes. Os movimentos, contidos hoje pela maioria governista em suas direções, precisam da organização de uma autêntica oposição revolucionária ao governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin, bem como ao de Tarcísio de Freitas. E não de uma “oposição de esquerda”, ou mesmo

de “esquerda revolucionária”, que se volta às disputas de aparato sindical ou cargos eletivos, em alguns casos em aliança com os governistas, sobre a base de um programa reformista do capitalismo, ainda que “radical”.

Estrutura e Funcionamento

A definição do caráter da Frente Sindical levará necessariamente a uma determinada forma de estrutura e funcionamento. Uma Frente Sindical classista será, hoje e ainda por algum tempo, minoritária na categoria. A força da centralização política do governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin arrastou para sua base de sustentação não apenas a maioria da burguesia nacional, mas também das esquerdas e das direções das organizações de massas no país. Em nome do “combate ao fascismo” e “defesa da democracia”, quase todos se perfilarão por trás (ou, mais precisamente, por baixo) do governo. Isso levará a que a Frente Sindical classista seja constituída por partidos e correntes minoritárias. A classe não será ainda a protagonista do que fará essa frente. O que exige que haja uma estrutura de funcionamento que permita a unidade sem a imposição de aparatos. Ou seja, que as resoluções permitam a ação unitária em seu favor, sem que se obrigue ao cumprimento de medidas opostas às políticas de cada partido ou corrente, nem à cisão prematura. Isso requer que os debates sejam abertos, e não de cúpulas, que se coloquem claramente as posições e as divergências, e que haja a liberdade de crítica. A prática de impor às plenárias os textos acordados às suas costas deve ser rechaçada.

A estruturação material da Frente Sindical classista deve se dar a partir das necessidades colocadas para sua intervenção prática. Cada campanha promovida pela Frente deve estimar seus gastos e como financiá-los. As decisões devem ser sempre coletivas, para que o sustento delas também o seja. A estrutura e funcionamento da Frente devem corresponder à luta para impulsionar o movimento, e não a um aparato paralelo ao sindicato.

Um Seminário que não pauta o Congresso da Apeoesp

A maior parte dos setores da Combativa assinou uma tese conjunta ao Congresso da Apeoesp. Essa tese reflete bem a política de construção da “oposição de esquerda” ao governo. Dessa forma, acaba reproduzindo, sob uma roupagem mais “à esquerda”, algumas teses dos partidos e correntes governistas. Por exemplo:

- 1) *“desafios fundamentais estão colocados para o conjunto dos trabalhadores e para a esquerda combativa: derrotar a extrema direita e o bolsonarismo através da luta direta”*. Se a derrota da extrema direita e do bolsonarismo é “fundamental”, quer dizer que a defesa das reivindicações e o combate às medidas do governo Lula/Alckmin, assim como Tarcísio, estão subordinadas a isso. Exatamente pensam assim os governistas.
- 2) *“Embelezando” o sindicato: “Todos reconhecem, até*

mesmo os que pensam diferente, a enorme contribuição que o campo oposicionista tem oferecido a nossa entidade, ou seja, tornamo-nos um patrimônio imprescindível na fiscalização e na maturidade da democracia do sindicato ao fazer respeitar essa diversidade que está no seio da categoria, independentemente do credo, sexualidade, ideologia política etc.” O descrito acima de fato não existe no sindicato. Não existe fiscalização nem qualquer controle sobre o que faz ou desfaz a direção burocrática. E colocar “credo, sexualidade”, acima das diferenças de programa é uma falsificação grosseira da realidade.

- 3) Todos sabemos que há uma grande distinção entre as organizações das massas e suas direções. Defender que as organizações rompam com o governo é o mesmo que dizer o que faríamos se estivéssemos na sua direção, é uma tarefa colocada para as bases, enfrentando suas direções. Mas é errado e alimenta ilusões, pressionar para que quem é governista deixe de sê-lo: *“que as grandes direções sindicais rompam sua paralisa e composição com o governo”*
- 4) Alimenta-se ilusão da possibilidade de que Lula realizasse outro governo que não esse que está aí: *“lamentavelmente, Lula se recusa a revogar o ensino médio”*. Não! Lula defende que a proposta de Novo Ensino Médio seja reformada, e não revogada. Porque isso é o que interessa aos capitalistas da educação e aos parasitas da dívida pública.
- 5) Teses reformistas para a educação, a serviço da “oposição de esquerda”: *“pela ampliação das salas de EJA”* (e não ao atendimento das necessidades); *“Por mais investimentos na educação, com melhores estrutura e condições de trabalho.”* (e não o necessário).
- 6) *“Na contramão do Novo Ensino Médio, defendemos um Currículo Autônomo, Democrático e Participativo, que reflita os reais interesses dos filhos da classe trabalhadora e da comunidade escolar”* – no capitalismo, o currículo atende aos interesses da classe dominante. Apenas sob a real autonomia e democracia escolar, é possível exercer algo em contraposição a isso. E será por meio da expropriação dos meios de produção que será possível unir teoria e prática, sob um governo operário e camponês, onde a escola será revolucionada. As propostas de mudança curricular que vêm do governo não podem cumprir nenhum papel progressista, somente adaptam a escola à decomposição geral do sistema. E propor remenda-las, preservando o controle estatal, leva a um beco sem saída.

Tomamos esses exemplos para mostrar a necessidade de organização de uma unidade de fato classista, que se coloque pelas reais necessidades dos professores e dos explorados em geral. As proposições reformistas estão fadadas ao fracasso, porque, na época de decomposição do modo de produção capitalista, não há lugar para a concessão de reformas. A luta consequente pelas reivindicações mais sentidas aponta para a Revolução Proletária. ●

**Construir uma oposição revolucionária
ao governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin!**

Pela derrota militar da OTAN na Ucrânia!